

Um Tesouro na Montanha

“Este ano vamos de férias para a montanha”, disse a mãe de João, cheia de entusiasmo. No entanto, João não partilhava a mesma felicidade. Nunca gostava das férias em família e não ia ser naquele ano que ia gostar.

João achava que era muito melhor ficar em casa a jogar videojogos, como todos os meninos de dez anos faziam. Para além disso, não gostava muito da presença do seu pai, porque, apesar de ele passar imenso tempo a trabalhar, no pouco tempo que estava com João, tratava-o como se fosse um dos seus colegas de laboratório: “Joãozinho, penso que já me sabes dizer quanto é a $(\sqrt{25})^2 + 2$ ”. E João, sempre que o pai lhe perguntava algo deste género, respondia que não sabia. Então, o pai gritava com ele, dizendo que ele era um inútil.

A família pôs-se no carro e após uma longa viagem, com muitas perguntas difíceis, respostas erradas, chegaram ao seu destino, onde passariam um mês.

Assim que João saiu do carro, dirigiu-se à casa alugada. Ele odiava-a. Era branca e preta, horrivelmente grande e apesar da existência de um sistema de aquecimento, a casa era gelada.

No primeiro dia de férias faziam sempre a mesma coisa: arrumavam as malas, onde João, para além das roupas, trazia o seu portátil, telemóvel e o Mr. Tubby, o seu peluche que o acompanhava para todo o lado. Era neste dia que também, visitavam a Aldeia do Vale, coisa que até seria divertida se fosse algo novo, mas passam sempre pelos mesmos locais, pelas mesmas casas, pelas mesmas ruas e pelas mesmas pessoas. Está sempre tudo igual aos anos anteriores. Para além disso, João tinha medo de uma senhora que vivia no centro da aldeia. Que se bem se recordava, se chama Rosalinda. Diziam que vive sozinha desde que o marido morrera e o seu filho saíra de casa. Sempre que João passava por ela, a D^ª. Rosalina olhava para ele com um sorriso maroto, embora quase sem dentes e apertava-lhe as bochechas com tanta força que lhe ficavam a arder.

Mas no dia seguinte é que iria começar a parte menos aborrecida das férias: João e os seus pais iriam esquiar na montanha mais alta.

Assim que João acordou, tomou o pequeno-almoço com os seus pais, vestiu a roupa mais quente que tinha e saíram.

Antes de irem esquiar, pararam num café para beberem um chocolate quente e o pai não deixou escapar a oportunidade de fazer outra das suas perguntas matemáticas: “Hum... quanto ao Teorema de Pitágoras... Penso que já me sabes responder a algumas questões sobre esta matéria! Com certeza que um menino de dez anos já ouviu falar disto muitas vezes na sua escola. Ora muito bem, se tiveres um triângulo que tenha um lado com seis centímetros e outro com doze centímetros, como é que se calcula a hipotenusa, ou seja o seu maior lado?” João ficou apático pois nunca tinha ouvido falar sobre aquilo na vida. Tentando desviar o assunto, João diz que precisa de ir à casa de banho. Levanta-se e dirige-se aos lavabos. Lá, retira um papel para limpar as lágrimas e repara num desenho, uma espécie de mapa, feito no mesmo. Quando observou melhor o mapa, apercebe-se de que representava as montanhas onde ele costumava esquiar com os pais. Viu também que, no final, existia um tesouro!

Assim que saiu da casa de banho vê que o café onde estava com os seus pais estava vazio, aquele que, à cinco minutos, estava totalmente cheio. Ao fundo vê apenas um homem. Era o seu pai. Este, assim que o vê, pergunta-lhe com um sorriso rasgado: “Vamos jogar?”. João não queria acreditar naquilo que estava a acontecer! Afinal aquilo era tudo real ou seria apenas um sonho?! Este ficou

perplexo a olhar para o seu pai sem lhe dizer uma única palavra, então este levanta-se e diz-lhe: “Vem comigo, anda!”

Saem os dois do café e, mais uma vez, não havia ninguém. Era só ele e seu pai, era como estivessem sozinhos naquela imensidão de neve e montanhas. O pai dirige-se a João e diz-lhe: “Eu disse-te que este ano ia ser diferente lembra-te?”. João lembra-se imediatamente de quando estava a entrar para o carro e o seu pai lhe disse exatamente aquilo, no mesmo tom de voz, com a mesma expressão.

O pai pediu-lhe o mapa, e João ficou espantado porque não fazia a mínima ideia que este sabia da sua existência. Deu-lho, e juntos analisaram-no. Estavam lá todas as questões que o pai lhe fizera nos últimos dias: as distâncias entre os lugares eram representadas por radicais, existiam enigmas espalhados por toda a folha, e acima de tudo muitos, muitos números!

O pai fez um gesto que indicava que João o seguisse. Juntos dirigiram-se para a montanha mais alta.

Mesmo com o céu limpo, o frio era intenso. Andavam com cuidado, porque o caminho era acidentado e repleto de gelo. O mapa indicava-lhes uma passagem por baixo da montanha que ia dar a uma gruta. Assim que lá chegaram, sem grande esforço, havia uma porta enorme que João, com a ajuda de seu pai, tentou mover. No entanto esta era demasiado pesada. Quando olhou melhor para ela, reparou que continha uma expressão matemática! A primeira pergunta que o seu pai lhe fizera antes de se meterem no carro e virem para as férias na montanha. A única à qual João conseguira responder: $(\frac{1}{2})^{-2} \times 2^2$.

João sabia que o resultado porque, quando temos uma potência de expoente negativo, ao passarmos o denominador ao seu inverso, o expoente passa ao seu simétrico. Depois é fácil, é só adicionar os expoentes, ficando 2^4 , que é 16. Então ele gritou: “É dezasseis! É dezasseis!” E a porta abriu-se como por magia.

Os dois dirigiram-se ao interior da gruta e no chão estava um enorme mapa igual àquele que tinham nas suas mãos mas vinte vezes maior. Este tinha também outros pormenores, um deles era que eles tinham um tempo para encontrarem o tesouro. João começou a chorar a dizer que queria ir para casa não percebia o que estava a acontecer. O pai ficou a olhar para o filho e estendeu-lhe a mão e disse-lhe que tinham de continuar, pois o tempo estava a contar.

Os dois começaram a escalar a montanha, porque, de acordo com o mapa, o tesouro encontrava-se no cimo da montanha.

Quando escalaram um bocado João reparou que o sítio onde ele tinha a mão dizia “Abre-me... a chave está na tua mente”, e à frente dessa mensagem estava mais uma expressão matemática, a segunda expressão que o pai lhe fizera antes da viagem, aquela pergunta à qual João não conseguira responder, e que também a explicação da sua resolução não quis ouvir: $(\sqrt{25})^2 + 2$. Ele pediu ajuda a seu pai, mas este revirou-lhe a cara e João compreendeu a sua reação. Nunca quis ouvir as suas explicações e agora era tarde. No entanto, o seu pai, como viu que ele estava arrependido e disposto a aprender, explicou-lhe que a raiz de um número representava o número que, multiplicado por si mesmo o número de vezes do índice da raiz, resultava no radicando.

João ao início não percebeu mas, entretanto, começou a tentar lembrar-se de algumas conversas que teve com o pai sobre essa matéria e passado algum tempo disse: “É vinte e sete! É vinte e sete!” O pai não conseguiu esconder o seu sorriso de pai orgulhoso.

Quando João gritou a resposta, uma portinha abriu-se na zona que continha a expressão, e o seu interior continha dois pares de luvas e dois cascóis. João pegou neles e deu ao pai um par de luvas e um cascol ficando com outro para si. Continuaram a subir a montanha.

Durante o percurso João e seu pai foram encontrando varias expressões matemáticas e resolviam-nas juntos, tendo como troféu alguns bens para se irem mantendo fortes até ao cimo da montanha, como garrafas de água, casacos e até caixas de fósforos, para se irem aquecendo minimamente. Agora João não tinha medo nem das perguntas do seu pai, nem da sua presença! Estava a divertir-se imenso e a aprender que a matemática era muito divertida.

Finalmente chegaram! Já se avistava com nitidez o cimo da montanha! João achava que deviam faltar uns cem metros para chegar! Ele e o pai apressaram-se até ao pico e lá se depararam com a última e derradeira questão. Esta era: “Matemática é...?” João ficou petrificado. De entre tantas palavras, tinha que escolher apenas uma. E se falhasse? O que aconteceria? Pensou então em tudo que a matemática era para ele e gritou bem alto: “Matemática é diversão!”. Fechou os olhos e quando os abriu estava sentado na sua cama da casa alugada e desfazer as malas e pensou para si próprio: “Então era este o tesouro. A matemática não é nenhuma aberração e o meu pai também não! Este foi o melhor sonho que eu tive!”